



Filipe de Sousa (1927 / 2006)

Pianista, Compositor,
Maestro, Investigador
– um Homem
da Cultura



Membro do Conselho Consultivo
e Benemérito da Fundação Jorge Álvares

Acreditou no projecto. Doou à Fundação, ainda em vida, em 2005, a casa e a propriedade de Alcaíça, onde viveu os seus últimos anos, a sua valiosa e diversificada biblioteca, as suas importantes colecções de obras de arte, de discos e de manuscritos musicais, o seu espólio musical próprio.

Um vulto da Cultura, uma figura cívica, e, também, um amigo de Macau.

A Música levou-o muitas vezes a Macau. Privou e foi amigo de muitas personalidades ligadas à cultura e às artes do território, entre elas, e para apenas nomear a ligação à música, o Padre Aureo de Castro [Academia de Música S. Pio X] e o Maestro Simão Barreto.

Em 1987, por ocasião das comemorações do XXV aniversário da Academia de Música S. Pio X, organizou em Macau uma exposição de *Manuscritos e Edições Musicais*, patrocinada pelo Instituto Cultural de Macau, cuja apresentação, por ele escrita, e que se transcreve nesta edição, demonstra bem o interesse e o carinho especial que sempre dedicou ao Território.

No ano em que comemoraria oitenta anos queremos, também com este número especial da Carta Informativa da Fundação, homenagear a sua Pessoa e a sua obra.

Procurámos reunir um conjunto de depoimentos de grandes amigos, de antigos colegas, de outros músicos, escritores, admiradores da sua obra e da sua pessoa. Da leitura destes depoimentos fica um registo da sua vida, da sua obra, da pessoa extraordinária que foi o Maestro Filipe de Sousa.

Filipe de Sousa



Compositor, maestro, pianista e investigador, Filipe de Sousa Júnior nasceu em Lourenço Marques, Moçambique, a 15 de Fevereiro de 1927

Deu início aos seus estudos musicais ainda em Lourenço Marques quando era criança, aos seis anos de idade, tendo, como o próprio considerava, herdado o talento musical da mãe, que tocava bandolim, e aprendido as primeiras notas musicais com o pai, guitarrista e compositor. Em casa do avô conheceu o piano e a grafonola, instrumentos que lhe despertaram o gosto pela arte dos sons.

Continuou os seus estudos posteriormente, em Lisboa, no Liceu Camões e no Conservatório Nacional, onde se diplomou em Piano, com Abreu Mota, e em Composição, com Jorge Croner de Vasconcelos.

Licenciou-se simultaneamente em Filologia Clássica na Faculdade de Letras de Lisboa.

Durante algum tempo dedicou a sua actividade à carreira de intérprete – pianista – tendo-se empenhado especialmente na divulgação de autores contemporâneos.

Em 1954, graças a uma bolsa do governo de Moçambique para estudar regência de orquestra no estrangeiro prosseguiu a sua formação na Alemanha e na Áustria, diplomando-se em 1957 na Staatsakademie de Viena, onde foi aluno de Hans Swarowsky e colega de Zubin Mehta e de Cláudio Abbado.

Estudou também em Munique, com Mennerich e F. Lehmann, e em Hilversum, com Alberto Wolf.

Foi: membro fundador do Conselho Português de Música, da Juventude Musical Portuguesa, do Grupo Experimental de Ópera de Câmara de Lisboa e do Grupo Português de Bailado; presidente da Direcção e da Assembleia-Geral do Sindicato Nacional dos Músicos; professor do Conservatório Nacional de Lisboa (composição) e da Universidade de Luanda; membro por várias vezes do júri dos Concursos Internacionais de Piano “Vianna da Motta”; director do Serviço de Música da RTP.

Para além da sua actividade como intérprete, a quem se ficaram a dever numerosas primeiras audições em Portugal de obras de Bartók, Hindemith, Stravinsky, Schoenberg, Berg ou Milhaud, e como maestro, Filipe de Sousa dedicou-se também, com especial devoção, à investigação, divulgação e edição do património musical, designadamente do português.

Os resultados do seu trabalho de investigação junto de arquivos e bibliotecas concretizaram-se na descoberta e na recuperação de dezenas de obras de música portuguesa, especialmente dos séculos XVIII e XIX.

Como investigador fez ressurgir dezenas de obras de compositores antigos portugueses e foi responsável pela descoberta, estudo e reposição moderna de importantes obras da história da música portuguesa, como António Teixeira e António José da Silva – *As Variedades de Proteu, Guerras do Alecrim e da Mangerona* – e editou para a colecção *Portugaliae Musica* da Fundação Calouste Gulbenkian, obras de Domingos Bontempo, Sousa Carvalho e Francisco de Lacerda.

Como maestro, para além de Portugal, onde foi convidado frequentemente a dirigir a Orquestra Sinfónica Nacional de Lisboa, actuou no Brasil, na África do Sul e na U.R.S.S..

A sua Vida, a sua Obra



No Brasil dirigiu em primeira audição mundial a cantata "O Caso do Vestido" (Carlos Drummond de Andrade) de Camargo Guarnieri, autor que veio posteriormente a dedicar-lhe a sua 6.ª Sinfonia. Repartida por vários géneros musicais, Filipe de Sousa conferiu na sua obra uma especial relevância à voz, tendo sido a poesia a principal fonte de inspiração da sua obra musical. A maior parte das suas obras musicais baseia-se numa criteriosa selecção literária, de Camilo Pessanha a Fernando Pessoa, de Garcia Lorca a Paul Éluard, de Rilke a Langston Hughes, etc..

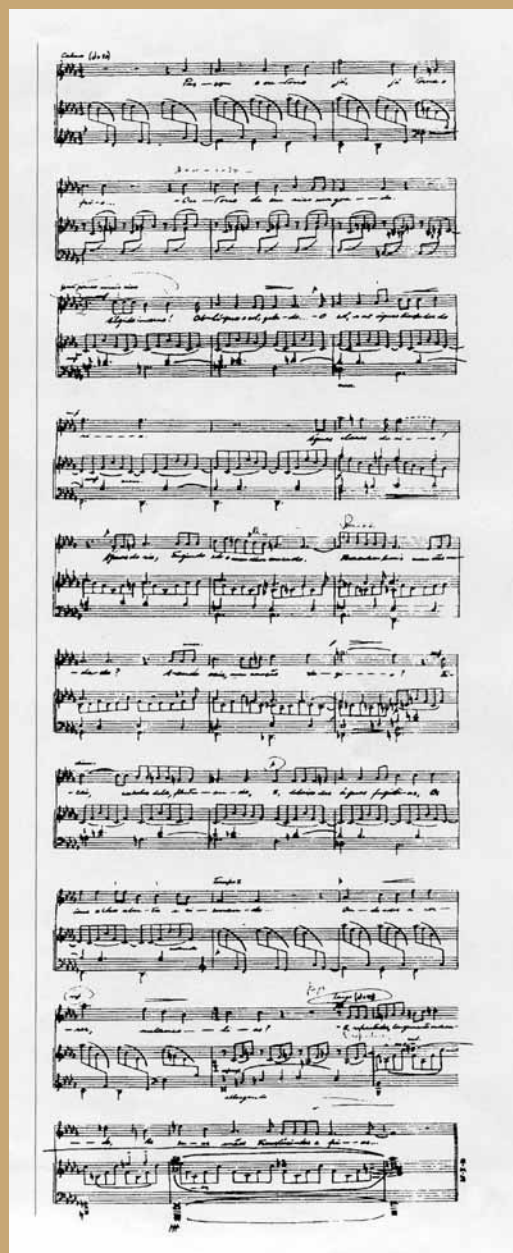
Na obra de Filipe de Sousa assume predominância o conjunto de melodias para voz e piano (33, à data conhecidas) sobre poemas de Pessoa, Ricardo Reis, Camões, Pessanha, Rilke, Éluard, Lorca, entre outros, das quais uma parte significativa foi orquestrada pelo autor.

Da sua produção instrumental destacam-se o *Quinteto de sopros*, a *Sinfonieta* e uma *Suite de Danças*, ambas para orquestra, bem como peças a solo para violino, viola, violoncelo e clarinete. No repertório pianístico têm lugar uma *Sonata* e duas *Sonatinas*.

Morreu, em Lisboa, vítima de doença prolongada, no dia 22 de Novembro de 2006, com 79 anos de idade.



Santa Cecília, Padroeira dos Músicos



Pauta de uma canção com poesia de Camilo Pessanha.
"Passou o Outono, já torna o frio"



depoimentos

Mário Vieira de Carvalho, Fernando Lopes-Graça e o Maestro

Filipe de Sousa *por*

Mário Vieira de Carvalho, musicólogo*

Filipe de Sousa nasceu no Maputo, a 15 de Fevereiro de 1927. Fez os seus estudos musicais no Conservatório Nacional, tendo-se diplomado em piano (classe de Abreu Mota) e Composição (classe de Croner de Vasconcelos). Ao mesmo tempo licenciava-se em filologia Clássica pela Faculdade de Letras de Lisboa.

Em 1975 obteve o diploma de chefe de orquestra na Staatsakademie de Viena, com Swarowsky, no termo de uma bolsa de estudos que lhe permitiu trabalhar também em Munique com Mennerich e F. Lehmann e em Hilversum com Alberto Wolf. Para além da sua actividade como pianista, a quem se ficaram a dever numerosas audições portuguesas de obras de Bartók, Hindemith, Stravinsky, Schoenberg, Alban Berg, Milhaud, entre outros, e como compositor, em cuja produção se salientam a *Suite de Danças* para orquestra (1954), a *Sinfonietta* (1956), e uma numerosa obra para canto e piano, Filipe de Sousa, que se apresentou ainda como chefe de orquestra em Portugal e no estrangeiro, tem chamado a si uma importante missão: a da investigação sistemática da música portuguesa antiga, conduzindo à recuperação de várias obras-primas cujo paradeiro se desconhecia. A sua formação clássica e cultura literária são ainda componentes determinantes da personalidade do artista, que conta entre os seus poetas favoritos (e por isso os musicou) Rilke, Jean Moréas, Sebastião da Gama, Fernando Pessoa e seus heterónimos, Camilo Pessanha, Orlando de Carvalho, Manuel Bandeira, Schiller, Garcia Lorca, Langston Hughes, Paul Éluard, etc..

[...] Nos *Dois Sonetos de Camilo Pessanha* (1950), a simples introdução de um desenho de três colcheias no piano (lá# - si - lá#), somando-se a duas outras (fá# - sol#) até então imutáveis no acompanhamento, concentra em breve episódio um movimento por graus conjuntos

(encetado na dominante) que responde, por inversão, a um movimento semelhante de mínimas encetado, de início, na tónica. Esse acontecimento semantiza-se no golpe de vento a desfolhar as rosas, como se explicitará logo a seguir na frase vocal. A interrogação "Em que cismas, meu bem?" estiliza-se numa "melodia da fala" que sobe de tensão num movimento ascendente para a dominante, culminando em "As Vozes" ("Porque me calas / As vozes com que há pouco me enganavas?"). A textura harmónica altera-se radicalmente, torna-se instável, ao mesmo tempo que o já referido motivo de mínimas, até então no baixo, passa a sobressair na voz superior do acompanhamento. A esta mudança musical corresponde no poema a transição do plano da observação e do diálogo com a natureza e com "o outro" para o plano da introspecção: a harmonia marcha "sem norte" como na imagem do poeta ("castelos doidos! Tão cedo caístes!... / Onde vamos, alheio o pensamento, / De mãos dadas?"). O retorno à natureza e ao diálogo repõe o campo harmónico inicial. A neve cai... "Em redor do teu vulto é como um véu!" – a exclamação, tensa de paixão, arranca na dominante, no registo agudo e desce depois suavemente para a tónica. Depois, é como se o universo parasse: o movimento perde velocidade, suspende-se. Fica no ar a resposta (fecho na dominante – a Halbschluss da terminologia germânica) a interrogação: "Quem as esparze – quanta flor! – do céu, / Sobre nós dois, sobre os nossos cabelos?". Entretanto, a persistência, do princípio ao fim, do motivo recorrente de mínimas onde se salienta sempre de novo o efeito descendente de *si*, *lá#*, *sol#*, é naturalmente a contrapartida sonora de uma imagem poética várias vezes repetida: caem pétalas, cai neve, caem os "castelos doidos"...

A coerência músico-dramatúrgica do trabalho do compositor, que, como decorre deste esboço de análise, não enjeita nem dissimula, antes assume, quando o julga conveniente, a herança clássica da harmonia funcional como parte integrante do seu pensamento musical moderno, tem ainda expressão na unidade de concepção de cada um dos ciclos de poemas. Escritos respectivamente sem *si* maior e *sib* menor, com conclusão na dominante, métrica a 3/2 e configuração melódica aparentada, os Dois Sonetos de Camilo Pessanha constituem um díptico incindível [...].

O texto acima foi escrito para integrar um disco compacto - Portugalsom, Filipe de Sousa (1927), Lisboa, Strauss – Música e Vídeo – e foi posteriormente publicado na Revista de Cultura (edição do Instituto Cultural de Macau), n.º 26 (II Série), Janeiro/Março de 1996; o artigo é um de três sobre "Três compositores e a Poesia de Camilo Pessanha", sendo os dois outros compositores evocados Simão Barreto e Fernando Lopes-Graça

* actual Secretário de Estado da Cultura



David Almeida, artista plástico

depoimentos

Conheci o Maestro Filipe de Sousa nos anos 80. Fomos apresentados nos jardins do Palácio dos Coruchéus, onde então tinha *atelier*, quando se discutia um projecto ligado a um livro-objecto que incluiria as Artes Plásticas, a Gastronomia, a Literatura e a Música, para o qual fui arrolado.

Tratava-se de um projecto destinado a um laboratório de produtos farmacêuticos que se foi discutindo à volta da mesa – como era inevitável – mas que ficou pelo caminho, abortado pelo patrocinador.

O que não ficou pelo caminho, o que perdurou, foi uma amizade com base na admiração e no respeito mútuos ao longo de mais de 20 anos.

Almoçava com a frequência possível na *Mandíbula de Aço*, última tertúlia do Chiado nas palavras do Professor Juvenal Esteves, onde conviviam – nem sempre de forma tão pacífica como a ingenuidade do Maestro o levava a crer – *mesários* que podiam chegar tanto de Aveiro como de Lisboa, do Brasil ou de Macau, arrancados aos mais inesperados quadrantes políticos (recordo com saudade a última tarde, última para todos nós, com o Maestro Camargo Guarnieri).

Também à mesa, a sua cultura e o seu humor não davam lugar a quebras de ritmo na conversa.

Alguns dos convidados, pela primeira vez *na roda*, ficavam fascinados com as impossíveis histórias da tia Eulália do Maranhão ou do crocodilo com que o Filipe teria coabitado numa residência na zona das Amoreiras, para onde o animal fora levado ainda bebé e que ali crescera até ter atingido cerca de três metros. Por vezes, quatro, dependia da inspiração do momento. Teria saído por uma janela, içado por um guindaste.

O mais difícil era depois convencê-los de que se tratava de uma brincadeira, tais eram os pormenores com que enroupava estas encenações.

Em 1987 comprei um terreno em Alcainça e aqui nos deslocámos para lhe dar a conhecer a terra em questão, pois o Filipe insistia em ver o lugar, talvez levado pelo entusiasmo com que lhe falava desta região de vulcões extintos (há muito tempo, felizmente).

Cerca de uma semana depois desta visita, o Filipe comprava uma propriedade que confinava com a minha, iniciando a construção do Casal de S. Bernardo, que daria corpo ao seu sonho: ter um lugar que albergasse o seu acervo musical, os seus discos e livros. O sítio onde em sossego escrevesse a sua obra, onde libertasse os livros amontoados na casa de Cascais, os discos e peças de colecção dispersos pelas casas de alguns amigos, o espaço onde pudesse fruir a sua colecção de arte, onde convidasse os seus amigos para tocar ou ouvir música, onde pudesse com eles ensaiar em boas condições acústicas.

Assim foi acontecendo não com a frequência com que o sonhou, mas da forma que lhe foi sendo possível.

Para aqui se foi transferindo também um pouco do espírito da *Mandíbula de Aço*.

Dadas as minhas relações profissionais com Espanha, começou a acompanhar-me nas viagens de trabalho a Madrid e a Barcelona, visitando galerias e museus, dando início à sua colecção de Arte Contemporânea Espanhola – de Gravura na sua maioria, obras emblemáticas e raras algumas delas. Chillida, Miró, Rueda, Picasso, Sempere ou Tapies, são alguns dos Artistas consolidados por um percurso reconhecido, mas não lhe passaram ao lado as gerações mais jovens como Barceló, Broto, Ciria, Lamazares, Saskia Moro, Sicília, Soledad Sevilla e tantos outros.

Em Madrid *instalei* o Maestro no Hotel Liabeny – eu frequentava-o desde a sua abertura nos anos 70 – donde nunca mais deixou de ser cliente e onde era tratado e estimado como pessoa de família, como o Artista que era, um hóspede especial.

Situado na Plaza del Carmen, estava a dois minutos da livraria *Espasa-Calpe* na *Gran-Via* onde comprava os livros que mais lhe interessavam e a cinco minutos da *FNAC* ou do *El Corte Inglés* onde comprava os discos que encheriam as malas que levava vazias (normalmente viajávamos de carro) apenas para isso: trazer livros e discos.

Este acervo tem uma marca muito pessoal, uma peça completa a outra, um quadro pode ser o complemento de um livro, uma gravura pode ser uma viagem, um livro uma procura de meses.

Era seu objectivo manter intacto este núcleo tão pessoal, para que assim pudesse ser visto e consultado.

Quanto a mim, uma das razões, a principal razão, era a de que não se importaria de revelar – talvez até o desejasse – após a morte, aquilo que sempre quis preservar em vida – a sua intimidade, ou melhor, o seu íntimo.

Um dia manifestou o desejo de deixar os seus bens a uma fundação ligada a Macau. Nos últimos anos deslocara-se muitas vezes ao Território por razões profissionais, ou simplesmente por gostar de por ali vaguear em passeios curtos (esperaria deparar-se com Pessanha ao dobrar de uma esquina?). Ali me acompanhou durante algumas viagens de trabalho apenas para estar,



Ex-libris de Filipe de Sousa



para visitar amigos, para sentir os cheiros ou para ficar de olhos brilhantes e sorriso largo perante a cozinha chinesa.

Admirador da obra e da personalidade do último Governador de Macau, perguntou-me um dia o que sabia eu da Fundação Jorge Álvares. Dei-lhe as informações de que dispunha, entreguei-lhe uma colecção do Boletim Informativo de Fundação e, alguns meses depois – reflectiu muito sobre a atitude a tomar, o que nem sempre era habitual no Maestro – pediu-me, sabendo-me um indefectível do General Rocha Vieira, se eu podia organizar um encontro privado, o que veio a acontecer na minha casa, em Alcaíça.

E foi assim que, em paz e por sua vontade exclusiva, foi iniciado o processo de doação de todo o seu património à Fundação Jorge Álvares.

Partiu descansado, com a noção do dever cumprido.

Por aqui fiquei eu mais só, tinha à mão um amigo que era um sábio e que partiu deixando uma mão cheia de promessas por cumprir.

A mais importante foi a de que viveria até aos cem anos, pois provinha de uma família de macróbios. E esta eu não lhe perdoou.

Alcaíça, 24 de Junho de 2007

Prefácio da exposição de *Manuscritos e Edições Musicais*

organizada em 1987
no Leal Senado de Macau



As 151 peças que formam a presente exposição são uma pequena parte da colecção e da biblioteca que, ao longo dos anos, temos vindo a organizar com tanto de paciência como de persistência.

Coleccionar não é reunir objectos indiscriminadamente nem, muito menos, adquiri-los por qualquer preço. Muitos dos volumes mais valiosos da nossa biblioteca foram comprados e salvos da destruição por uma bolsa magra de estudante, desde o liceu à universidade, de Lisboa a Viena. Com alguma sorte e, sobretudo, um grande amor pelos livros e peças de arte, pudemos reunir alguns milhares de peças que formam hoje a colecção de que seleccionámos as desta exposição patrocinada pelo Instituto Cultural de Macau e integrada nas comemorações do XXV aniversário da Academia S. Pió X.

Subordinada ao título genérico de "Manuscritos e Edições Musicais", esta Exposição pretende não só revelar a existência de algumas peças desconhecidas mas de grande importância artística, histórica ou bibliográfica, como também apontar aos futuros coleccionadores um campo imenso de pesquisa e de acção em que a incúria dos homens tem feito estragos irreparáveis.

Esta Exposição é dedicada, sobretudo, a todos os jovens de Macau. Oxalá, ao visitá-la sintam despertar em si o interesse pelo maravilhoso mundo da música, alargar em si o conhecimento de uma zona importante na história da cultura portuguesa ou, pelo menos, germinar a vontade de começar a coleccionar com paciência e persistência seja o que for, na certeza de servir uma causa cultural. Assim, esta Exposição terá valido a pena.

Filipe de Sousa



Constantin Sandu, pianista

depoimentos

Conheci Filipe de Sousa em Maio de 1991, quando fiquei hospedado em sua casa por ocasião do Master-Class de Sequeira Costa na Fundação Gulbenkian. Desde o início fiquei fascinado com a sua personalidade – uma vastíssima cultura, um gosto requintado e um sentido de humor fora do vulgar. Talvez por sentir na altura falta da minha família ainda a um nível agudo, pois tinha-me afastado de Bucareste somente sete meses antes, Filipe de Sousa lembrava-me sempre o meu pai.

A sua residência, o Casal de S. Bernardo (o proprietário tinha um grande carinho e admiração por este santo), situada num lugar de sonho, nas colinas entre Malveira e Mafra, perto de Alcaíça, era grande e recheada de pinturas e esculturas, pois uma das paixões de Filipe de Sousa era a arte plástica moderna e contemporânea. Não sei se haverá muitos artistas plásticos portugueses actuais de relevo que não fossem representados com pelo menos uma obra naquela casa. Na sala imensa, perdiam-se dois pianos de cauda, um deles Steinway modelo C; por outro lado, a biblioteca e a discoteca eram notáveis em quantidade e qualidade.

Estive hospedado várias vezes no Casal de S. Bernardo, pela última vez em Julho de 2004, quando passei lá um fim de semana, no intuito de recolher elementos para a minha tese de doutoramento sobre a música portuguesa para piano, tendo-lhe nela dedicado um capítulo. As estadias foram sempre muito agradáveis; a simpatia, a elegância e o bom humor completavam o refinamento e a elevação cultural e espiritual que o caracterizavam.

O seu estilo musical cristalizou-se com base em influências de Stravinsky, Bartok, Hindemith, adquirindo uma linguagem própria, funcional na essência, que (tal como o próprio afirmava) não pode ser classificada como neoclássica, muito menos impressionista. A principal fonte de inspiração foi a poesia (também devido à sua formação literária), constatando-se daí uma preponderância para a música vocal, sendo poetas como Camilo Pessanha e Fernando Pessoa dos mais próximos da sua alma. Não aderiu às inovações da segunda parte do século XX, nem ao fenómeno Darmstadt, contudo, estava sempre interessado no que era mais actual e moderno na composição, tentando perceber as razões e as motivações íntimas dos vanguardistas.

No entanto, ficou sempre com dúvidas acerca da música de vanguarda e pensava que havia uma *“destrinça a fazer entre uma peça musical com um conteúdo humano, de expressividade (que eu acho que vem através do canto; e canto é melodia), ou então um objecto musical (acho que é a melhor definição que posso dar a certa música, com interesse, naturalmente, mas esvaziada de conteúdo expressivo, de um conteúdo humano); podem ser objectos musicais lindíssimos, que me podem fascinar, mas que não representam para mim uma obra verdadeiramente humana, uma peça musical. Porquê? A anulação do sentido tonal das músicas. Partindo de um princípio genérico e básico (algo na linha das ideias de Hindemith e da obra Fundamentos da música na psicologia humana de Ansermet – n. a.), em toda a música existem focos tonais, porque há uma razão natural, física e ninguém pode transformar a própria natureza. O som base com os seus harmónicos é um mundo indestrutível; por outro lado, há um mundo indestrutível que é a nossa formação física, o sistema auditivo: o receptor está feito para receber o som e os seus harmónicos todos; foi nesta base que se criou e se desenvolveu o sistema europeu de harmonia, que evoluiu com o tempo e finalmente desaguou na atonalidade; há um percurso natural no mundo sonoro, mas o receptor continua a ouvir numa base tonal. Por isso, estou convencido que no futuro haverá um retorno à tonalidade, porque nós ouvimos funcionalmente, é a nossa base natural, física.”*

Esta citação releva o seu pensamento musical e explica o facto de ter sido, talvez, um dos compositores mais conservadores da sua geração, pese embora as suas experiências sonoras mais arrojadas, que existiram, mas sem o terem conquistado de maneira definitiva. Por essas e por outras (parafraçando-o), Filipe de Sousa pode ser considerado um dos mais importantes compositores portugueses do século XX e foi, sem dúvida, uma das personalidades mais cativantes da música portuguesa.

Julho de 2007





José de Oliveira Lopes, barítono

depoimentos

Seria fácil discorrer sobre momentos esparsos de um percurso com o Filipe de Sousa superior a três décadas; mas a sua enorme e complexa personalidade merece um discurso reflexivo algo cuidado e filtrado de acordo com a consideração e amizade que mutuamente nutríamos.

Sem dúvida que fomos bons amigos. Todavia, num ou noutro aspecto, julgo que por interferência de terceiros a que também era permeável, talvez por solidão, os nossos caminhos sofreram ligeiros desvios. Daí, a inacabada gravação de um CD com obras de Lopes Graça sobre textos de Fernando Pessoa iniciada e quase concluída (em falta apenas uma melodia) há mais de dez anos. Dela e por sua iniciativa (prevendo certamente o final que se aproximava) só voltámos a falar, para que a terminássemos, cerca de ano e meio antes do agravamento definitivo da sua doença.

Lamentavelmente os responsáveis no departamento respectivo da Secretaria de Estado da Cultura não deram o necessário seguimento à pretensão, apesar das muitas insistências efectuadas, e dos inúmeros ensaios que fizemos a fim de manter a obra pronta a ser gravada, tal como esperávamos. Além do reconhecido musicólogo, maestro e compositor era um excelente pianista. Levou consigo a vontade de terminar a incumbência...

Apesar da aludida "tensão artística", que não impediu um estreito convívio, pude constatar como o Filipe me estimava, pelas repetidas sugestões que fazia para com ele visitar uma exposição em Paris, outra em Madrid, viajar até Nova Iorque para uma récita no MET, etc., convites a que delicadamente sempre me escusei, por não dispor dos meios com que pudesse retribuir-lhe a generosidade, do que sempre fiz questão. Já bastante doente, mostrava interesse em que o acompanhasse à Alemanha para ouvir uma obra que lhe havia sido dedicada por Camargo Guarnieri. Por esta e outras atenções, nutri sempre pelo Filipe um apreço sincero, acima de qualquer suspeita.

Do seu espírito crítico, observador e mordaz, conservo uma bela recordação! A estas características aliava uma cultura imensa, diversificada e ímpar bem como uma nobreza de princípios que cultivava e procurava estimular

nos seus amigos. Não posso esquecer como desde sempre se interessou pela minha carreira artística e mais recentemente pela vida académica, incentivando-me a concluir o mestrado e o doutoramento.

É por tudo isto que relego para segundo plano todo o percurso artístico comum, (ele como pianista, eu como cantor) em muitos recitais, alguns contendo obra sua que gentilmente me dedicou. Destaco apenas a actuação conjunta em Washington D.C. que constituiu a sua primeira viagem aos Estados Unidos, e a nossa estada de cerca de um mês em Macau para actuações também com a Filomena Amaro, a Elsa Saque e o Fernando Serafim.

Grandes momentos esses em terras do Oriente, muitas vezes com a companhia do Simão Barreto e do saudoso Padre Áureo, que acabaram por estar na origem de lautos repastos na "Mandíbula de Aço" que constituiu no seu escritório da Rua Garrett ao Chiado e por onde tão ilustres personagens passaram.

Se tivesse, contudo, de destacar algum momento mais particular com o Filipe, escolheria sem dúvida as refeições tomadas na tranquilidade da enorme cozinha de sua casa em Alcaíça, apenas na companhia (por vezes irreverente, mas sempre sincera e amiga) da sua dedicada "Dona Maria do Rosário", como fazia questão de lhe chamar. Apesar da intimidade que se presentia, o "Dona" estava lá para a devida distância...

Era esta uma das características principais da sua personalidade que o Filipe cirurgicamente exercia.

Porto, 11 de Julho de 2007

em Alcaíça...



Elsa Saque, cantora lírica

depoimentos



Filipe de Sousa, *in memoriam*

"A memória é um museu, uma variedade imensa de estátuas e quadros; uns, animados pela dor, outros, pela alegria. E todos surgem ao luar que encanta a noite do Passado. Surgem, velados de uma ternura dolorida, que é uma névoa de lágrimas não choradas."

Teixeira de Pascoaes, *Livro de Memórias*

Evoco hoje uma figura marcante da minha juventude e que, ao longo dos anos, comigo se foi cruzando nestas veredas a que chamamos vida. Muitas recordações, factos esparsos, visões fugazes por vezes, enfim, momentos que constroem uma longa e sólida amizade, e a perpetuam ainda agora através da saudade.

Meu Professor no Conservatório, Filipe de Sousa começou por moldar a minha adolescência; generoso, fez-me acompanhá-lo no meu início de carreira – estivemos juntos nos meus primeiros recitais, na preparação e representação de óperas portuguesas do séc. XVIII, que o Maestro, de personalidade ecléctica, ávido de conhecimento, recuperou, ao longo dos anos, em diversos Arquivos do País. Acompanhei-o várias vezes em *tournées*, por esse Portugal fora, dando a conhecer em terras, tantas vezes esquecidas, uma boa parte do nosso repertório musical, ópera e canção, abrangendo diversas épocas.

É que, entendia o Maestro e compreendo eu agora, ser Professor não é apenas transmitir conhecimentos; mais do que isso, é saber acompanhar o início de carreira dos seus alunos, inculcar-lhes confiança, confrontá-los com o público, conduzi-los como uma espécie de Pai. E assim nasceu uma convivência prolongada e consequentemente um relacionamento humano, uma camaradagem de onde nunca estive ausente um grande respeito e uma profunda admiração.

Director do Serviço de Música da R.T.P., manteve o raro talento de conciliar essas funções institucionais e não esquecer – ao contrário de muitos –, aquela solidariedade bonita e generosa com os seus antigos e próximos colaboradores, conciliando com sabedoria tudo o que de bom a vida pode oferecer-nos. É sobejamente conhecido o seu sentido de humor, tão peculiar, a sua riqueza espiritual e afectiva, o modo como aconchegava a alma dos que amava com aqueles pequenos mimos de que só os seres sensíveis captam o sentido profundo. Aquelas prendinhas com que nos distinguia, apenas comparáveis à flor silvestre que, arrancada de entre as pedras, colocamos nas mãos de quem nos é particularmente querido.

Depois, quem dos seus próximos não recorda o modo caloroso e informal como recebia os seus amigos na "Mandíbula de Aço", onde reunia, na sua ânsia e curiosidade intelectual, personalidades das mais variadas áreas da nossa cultura? Brincava-se, é certo, esse sentido de humor a que já aludi nunca o abandonava, mas aprendia-se sempre, através do debate de ideias e da troca de conhecimentos.

Acompanhei-o igualmente e por diversas vezes ao Oriente, era sempre ótima companhia, com aquela jovialidade que todos lhe conhecíamos e reconhecíamos. Digamos antes, com a mesma ciência da vida manifestada no modo como soube superar os altos e baixos que o passar do tempo nos vai reservando.

Uma das últimas vezes em que estivemos juntos foi na inauguração de uma exposição numa galeria de arte; cantei, nessa altura, algumas das suas composições e como esquecer a força e o calor daquele abraço, a terminar um espectáculo, é certo, mas sobretudo a selar uma amizade cúmplice de anos?

Finalmente, uma tarde triste e chuvosa de Novembro, um grito de alma sufocado ... até sempre, Maestro.

Estoril, Julho de 2007



Fernando Serafim, tenor

depoimentos

in memoriam

Conheci-o nos anos 60 e gerou-se entre nós uma enorme empatia. Convidou-me para fazer concertos quer de música de câmara, quer de música coral sinfónica e também óperas.

Foi ele o responsável pela apresentação em 1.ª audição em Portugal de uma obra de Beethoven sobre poema de poeta português, apresentada no Palácio Foz e dirigiu o *Requiem* de Bomtempo, à memória de Camões, que pouca gente conhecia, na Igreja de S. Vicente de Fora. Apaixonado pelo séc. XVIII português, assumiu a pesquisa de grande parte do material musical dessa época, existente na biblioteca do Palácio Nacional de Vila Viçosa. Passou dias e noites na revisão de partituras de óperas, muitas delas fragmentadas e sem o texto incluído na música, como era o caso de óperas de António José da Silva, o judeu/António Teixeira, o que tornou o seu trabalho verdadeiramente ciclópico. Foi até Goiaz, bem no interior do Brasil, à sua custa, para analisar o material de partituras de óperas existentes naquela cidade. E assim trouxe mais obras desses autores. Também se interessou pela oratória: é exemplo disso a revisão de *La Passione de Gesù Cristo* de Almeida Mota, que foi gravada em disco pela Fundação Calouste Gulbenkian, sendo eu um dos intérpretes. E ainda pela música contemporânea: as gravações existentes provam-no bem.

Como compositor, foi mais fadado para a música de câmara do que para a sinfónica, tendo escrito muitas canções para canto e piano sobre poemas portugueses, espanhóis, franceses, ingleses, alemães e americanos.

Natural de Moçambique, veio ainda jovem para a Metrópole, onde frequentou a Faculdade de Letras, tendo feito o bacharelato em Filologia Clássica e tirado o curso de piano e composição no Conservatório Nacional, após o que foi para a Alemanha, continuando lá os seus estudos de composição e de direcção de orquestra, obtendo os respectivos diplomas.

Personalidade turbilhonante, não passava muito tempo no mesmo sítio: da RTP foi para Angola, voltando depois de novo para a RTP, e passado algum tempo tornou a embarcar para Angola, de onde teve que fugir, porque a situação no país era de permanente conflito. Foi professor no Conservatório Nacional e assessor da Dra. Madalena de Azeredo Perdigão no Serviço de

Música da Fundação Gulbenkian e, também, director no Grupo de Ópera de Câmara (1.ª tentativa para a profissionalização dos cantores portugueses, ideia de Madalena Perdigão. Infelizmente, o projecto durou pouco tempo).

Sossegou finalmente quando tomou conta do negócio que o tio lhe legou: a Casa Sousa. Comprou um terreno em Alcainça e aí construiu uma casa que é hoje pertença da Fundação Jorge Álvares, pois ele assim decidiu em testamento. É uma mansão com um património bibliográfico e musical valiosíssimo, com exemplares únicos. Nessa casa continuou a compor, embora em ritmo mais lento: surgiram as canções para barítono e conjunto instrumental e um quinteto de sopros, executado e gravado na Alemanha. Nos últimos tempos, fez a revisão de mais uma ópera da dupla Judeu/António Teixeira, cuja descoberta Filipe de Sousa revelou ao público numa conferência na Academia de Belas Artes de Lisboa, onde se contavam no público, para além de mim, cinco pessoas... No fim saiu comigo. Estava bastante triste!

Apoiou a publicação de livros como a biografia de Jorge Croner de Vasconcelos da autoria de Gil Miranda, e financiou a edição de partituras, sobretudo de Fernando Lopes-Graça, de quem se tornou um excelente intérprete e amigo.

Com Filipe de Sousa gravei em CD a 2.ª série de Sonetos de Camões de Fernando Lopes-Graça e outro CD só com criações suas. A última canção com poema de Paul Éluard é-me dedicada.

Também com obras de Fernando Lopes-Graça, apresentámos em Turim, num concerto promovido pela Universidade dessa cidade, sob os auspícios da cantora Carmélia Âmbar (na mesma ocasião em que foram distinguidos com o grau de doutor "honoris causa" José Saramago e Mário Soares), as *Canciones de Tierras Altas*, sobre poemas de António Machado, em 1.ª audição absoluta, que foram depois apresentadas em 1.ª audição em Portugal, no Palácio Foz, no dia 26 de Janeiro de 1996.

Participou comigo num concerto em minha homenagem na Sala dos Reis do Mosteiro de Alcobaça, minha terra natal. Preenchemos o programa com canções suas.

Fascinado pelo Oriente, foi a Macau, e ficou maravilhado com essa cidade, estabelecendo forte amizade com o saudoso padre Áureo de Castro, fundador e director da Academia de Música de S. Pio X. Filipe de Sousa co-patrocinou uma série de concertos (um mini-festival) nessa Academia, em que convidou para intérpretes, por si acompanhados ao piano, as sopranos Elsa Saque e Filomena Amaro, o barítono José Oliveira Lopes e eu. Cantámos obras dele, de Lopes-Graça (em 1.ª audição mundial a 2.ª série de Sonetos de Camões e a versão completa da *Clepsidra*) e de Simão Barreto (compositor timorense e seu amigo, radicado em Macau), entre outros.

Com ele ao piano, cantei árias e duetos com Dulce Cabrita, nas comemorações do 2.º Milénio de Virgílio, realizadas em Arganil; também com esta cantora, interpretámos, no Instituto Alemão, as *Trovas* de Francisco Lacerda, que Filipe de Sousa reviu (foram publicadas pela Fundação Gulbenkian).



Na homenagem do Convento de Mafra - José Brandão e Teresa Gardner

José Brandão, pianista *depoimentos*

O encontro com o maestro Filipe de Sousa deu-se em Setembro de 2000 após um concerto no Museu da Música portuguesa, onde tive o gosto de o ouvir, com a violoncelista Irene Lima, nas *Três Canções Populares Portuguesas* e na *Página Esquecida*, obras do compositor seu amigo Fernando Lopes-Graça. Com 73 anos, Filipe de Sousa relembra-nos as suas excelentes qualidades pianísticas, nomeadamente como parceiro musical em circunstâncias em que o diálogo – que pressupõe a escuta – se torna fulcral para que haja música. Foi a única vez que o ouvi ao vivo. As suas gravações, viria a conhecê-las posteriormente, e se é legítimo recordar apenas uma, destacaria a singularidade das *Histórias para divertir os filhos de um artista*, de Francisco de Lacerda, infelizmente não reeditadas em CD.

Da sua música conhecia anteriormente quase nada. Apenas as canções de Pessanha e de Ricardo Reis, que me incutiram a vontade de encontrar o seu autor e de estudar as restantes.

Das nossas conversas, fica a memória de um homem generoso e afável, com sentido de humor q.b., de grande vitalidade intelectual, que me fazia descobrir os seus múltiplos interesses musicais e artísticos. Recordo ainda a admirável atmosfera da sua casa em Alcainça, o imenso salão com os dois pianos, repleto de livros – uma série de preciosidades que gostava de mostrar – de partituras, de pinturas e esculturas, onde,

com a soprano Teresa Gardner, lhe apresentei uma selecção das suas canções. Revelador da sua personalidade humilde como compositor, era a maior preocupação com uma transmissão clara da mensagem e do texto poéticos, do que com a “tradução” musical que realizávamos das canções. Momentos preciosos....

Algumas das suas canções são mais apelativas, tocam-nos de imediato... os dois sonetos de Pessanha, as odes de Ricardo Reis ou os poemas de amor de Éluard! São habitadas por ambientes de uma serenidade nostálgica, a par de um lirismo intenso, de traços reconhecíveis. Outras requerem, no entanto, a nossa melhor atenção. É necessário que as frequentemos durante um certo tempo, que aprendamos a desvendá-las. estudo têm resultado óptimos momentos passados na recriação da sua música, da sua poesia – os dois conceitos são permutáveis! Em meados de 2006 estava entusiasmado com a possibilidade de nos proporcionar um recital em Macau, com poesia de Camões. Acalentava ainda a esperança de visitar o antigo território português, e já me tentava com um convite para aí visitarmos um restaurante seu predilecto...

*O maestro sacode a batuta, / E
lânguida e triste a música rompe...*
Fernando Pessoa



Concerto de homenagem a Filipe de Sousa, Verão Cultural de Mafra, 2007

Fernando Serafim continuação

Um dia, num assomo de fúria destrutiva, quis rasgar algumas das suas canções, a exemplo de outros compositores como Lopes-Graça e de escritores como Kafka. Entre elas estava a bela melodia sobre poema de Camilo Pessanha *Floriram por engano as rosas bravas*. Eu disse-lhe: pode destruir tudo o que quiser, mas esta canção está a salvo porque tenho uma cópia em casa. Olhou para mim estupefacto, pois já não se lembrava de ma ter oferecido. Mais tarde, agradeceu-me por eu ter abortado aquele momento de desvario.

No dia 18 de Fevereiro de 2007, três dias depois da data em que completaria 80 anos, (não pôde ser no dia 15 porque a sala estava ocupada), Elsa Saque, José Oliveira Lopes e eu (dos seus colaboradores os mais amigos), acompanhados ao piano por Luísa da Gama Santos, participámos num concerto em sua homenagem, com o patrocínio do novo proprietário da Casa Sousa, Dr. Nuno Gonzaga Ferreira, sob a égide de “arsEventos-confraria de música” e do Gabinete de Projectos Especiais do Palácio Foz, dirigido pela Dra. Anabela Baptista. O concerto realizou-se na Sala dos Espelhos desse palácio e do programa constaram unicamente obras de Filipe de Sousa e de Fernando Lopes-Graça.

Setembro de 2007



depoimentos

Manuel Pedro Ferreira, musicólogo e compositor

É-me difícil resumir as impressões de duas décadas de convívio com Filipe de Sousa, em que pude testemunhar a sua proverbial generosidade, invulgar cultura, rara lucidez e extraordinária competência artística.

Não será este o lugar devido para fazer o balanço do seu contributo para o conhecimento da música portuguesa do século XVIII, de que revelou, editou e disponibilizou variadas fontes, ou do seu papel como criador, que desempenhou, a partir de certo momento, de forma esporádica, mas sempre com grande qualidade técnica e sensibilidade expressiva (partindo de uma sólida base neoclássica, mas adoptando progressiva e selectivamente, linguagens mais cromáticas).

A sua presença na origem da Juventude Musical Portuguesa, e a marca que deixou na direcção musical da RTP estão ainda por documentar. A sua capacidade de leitura à primeira vista de partituras de orquestra era lendária.

Não pude testemunhar o seu sucesso inicial como maestro, e só uma vez o ouvi num concerto público como pianista – mas que impressão de virtuosística clareza e densidade interpretativa então me causou!

Acompanhei os seus esforços mecenáticos para a publicação e divulgação de música portuguesa do século XX, nomeadamente Lopes-Graça, colocando sempre a sua própria obra num segundo plano.

De facto, Filipe de Sousa recusava qualquer acto de auto-promoção; à parte o convívio com alguns amigos e jovens interessados, escondia-se do mundo musical lisboeta, dando a impressão de que receava ser contaminado pela mediocridade e pelas trocas de favores aí correntes, ou ser lembrado dos dissabores que, em tempos, alguns dos seus agentes lhe haviam causado.

Evitava falar do passado; mas, por baixo do seu imenso sentido de humor, grassava uma profunda amargura, a de perceber que a rectidão e a largueza do coração, junto às maiores qualificações musicais, eram fracas defesas face à inveja, à pretensão e à maldade, e que o Portugal que ele conhecia – e é ainda, largamente, o nosso – era incapaz de reconhecer e tirar partido de quem só tinha, para dar, o melhor do género humano.

Simão Barreto, compositor e maestro

Personalidade multifacetada, a sua actividade vai desde pianista, compositor, maestro, conferencista, investigador e coleccionador de arte.

Como pianista foi um artista completo do seu instrumento. Fez vários recitais a solo mas, na maior parte das vezes, como acompanhante dos cantores ou instrumentistas na interpretação das suas obras.

Como compositor é autor de numerosas peças, todas caracterizadas por um cunho pessoal e originalidade inimitável, legando à posteridade um rico espólio que, de certeza, vai enriquecer o património nacional.

No domínio da investigação, muito lhe deve a cultura musical portuguesa, na medida em que descobriu em arquivos esquecidos nas caves e bibliotecas, onde proliferam as tranças e humidade, muitas obras mais esquecidas e inéditas de compositores dos séculos passados, tais como algumas sinfonias de João Domingos Bomtempo, música de câmara de Francisco António de Almeida, só para mencionar alguns nomes.

Como coleccionador adquiriu ao longo da vida um acervo invejável de obras de arte, de livros e edições raras, salientando em especial o conjunto de pinturas, serigrafias, gravuras e desenhos originais de autores modernos.

Fascinado pelo oriente e pela sua cultura, visitava amiúde Macau, onde tinha um amigo de longa data, Pe. Áureo de Castro. Conhecerem-se quando juntos estudavam no Conservatório de Música de Lisboa, sob a orientação do mesmo professor, Croner de Vasconcelos, compositor de nomeada e de rara sensibilidade e pedagogo de grande envergadura.

Lisboa, 22 de Outubro de 2007



Pe. Áureo de Castro, Maestros Simão Barreto e Filipe de Sousa



depoimentos

António Valdemar, jornalista, da classe de Letras da Academia das Ciências

Retrato incompleto de um amigo completo

Há situações terríveis e que, muitas vezes, é difícil aceitar: a morte de um familiar ou de um amigo com quem existia uma relação profunda quotidiana. Filipe de Sousa tem sido, para mim, um destes casos. Mantivemos um convívio de mais de meio século de inalterável amizade. Conheci-o quando ele trabalhava, como secretário-geral, no Círculo de Cultura Musical, fundado e dirigido por Elisa de Sousa Pedroso que, durante sucessivas décadas, exerceu uma acção da maior importância, não apenas em Lisboa mas através de todo o País.

Todavia, nos anos 50, – quando inicio o meu contacto pessoal com Filipe de Sousa – Elisa Pedroso já se encontrava bastante marcada pelos anos. Muitas das iniciativas do Círculo de Cultura Musical já eram sugeridas e concretizadas por Filipe de Sousa, um jovem que fizera, com as mais altas classificações o Curso de Piano do Conservatório e, simultaneamente, se licenciara em Filologia Clássica, na Faculdade de letras de Lisboa.

Filipe de Sousa tinha um horizonte intelectual fora do comum e um desejo imenso de saber e conhecer cada vez mais. Tanto no Conservatório como na Faculdade de Letras integrou uma geração de figuras que se tornaram, aliás como ele próprio, de referência obrigatória. Completou a formação musical na Alemanha. Tirou os cursos que necessitava para se afirmar como pianista, compositor e maestro. Sempre com altas notas. Conviveu com grandes personalidades, da música, das artes plásticas, da literatura. Ao regressar a Portugal ingressou na Rádio Televisão Portuguesa. Foi chefe do Departamento de música. Era de uma competência e idoneidade exemplares. Produziu numerosos programas para a divulgação de obras dos nomes mais representativos da História da Música em Portugal. Leccionou no Conservatório. Pertenceu ao sector musical da Gulbenkian.

Se a sorte em várias circunstâncias lhe foi adversa, em muitas outras circunstâncias, Filipe de Sousa possuiu meios de fortuna para viver a

vida que lhe apetecia e se rodear de tudo quanto lhe interessava; um extraordinário acervo musical; quadros e outras obras de arte de notáveis autores portugueses e estrangeiros; e, ainda, uma vasta e diversificada biblioteca de clássicos e modernos portugueses, italianos, alemães, ingleses, espanhóis e franceses que abrangia, fundamentalmente, a música, a literatura, as artes plásticas.

Multiplicavam-se as edições raras. Possuía a colecção – quase integral, o que é um prodígio – dos livros, opúsculos e panfletos de José Agostinho de Macedo; todas as edições de António José da Silva, uma das suas paixões; todas as edições e a maioria das traduções de Cesário Verde, Camilo Pessanha e Fernando Pessoa. Não hesitou – posso testemunhá-lo – em pagar largas centenas de contos, ou já milhares de euros por livros autografados por Fernando Pessoa, os poucos que publicou em vida; e alguns da biblioteca de Pessoa que apareceram em leilões e em alfarrabistas.

Também foi um mecenas: pagou a edição de livros de música de reconhecido mérito. Correndo sérios riscos – e houve alguns lastimáveis – colocava, sem restrições, à disposição de investigadores, em especial jovens, livros, manuscritos, e partituras da sua colecção, repleta de espécies únicas.

Conservou Filipe de Sousa, amizades que vinham do Liceu Camões, do Conservatório, da Faculdade de Letras, da Televisão e muitas outras que surgiram no decurso da vida. Um dos seus maiores prazeres era o convívio. No seu escritório no Chiado constituiu uma tertúlia que reunia, em cada dia, consoante as afinidades electivas – que seleccionava com extremo cuidado – os amigos que estimava e eram de todas as opções políticas e religiosas. Nesses lautos almoços, que se prolongaram por mais de 20 anos e avançavam pela tarde com vinhos admiráveis e whiskies excelentes, apenas havia uma limitação: não abordar questões de natureza partidária que pudessem ferir susceptibilidades. De resto, falava-se de tudo e de todos. No entanto, Filipe de Sousa também fazia questão de impedir alusões à vida privada de quem quer que fosse. Estas as únicas atitudes drásticas que assisti – quando houve motivo para isto – do mais aberto e tolerante dos amigos.

Considero um dos privilégios da minha vida ter participado, com assiduidade, nessa tertúlia, de opulenta gastronomia portuguesa e à qual deu o nome de Mandíbula de Aço. Mas, além disto, sucediam-se os encontros, nas nossas casas, em casa de amigos comuns, em inúmeras viagens dentro e fora do País. Para ouvir um concerto. Para ver um Museu ou uma exposição. Para a descoberta de uma paisagem. Para ir a um restaurante famoso. Para sentir as grandes e pequenas coisas que dão sentido e plenitude à vida.

A doença progressiva e a morte inevitável de Filipe de Sousa abalaram-me, profundamente. Decorrido um ano, ainda, não me consigo habituar à sua ausência. Sempre que recordo o convívio de Filipe de Sousa, reconheço que, sem o calor humano da sua presença e a irradiação cultural do seu espírito, fiquei muito mais pobre. Também morreu uma parte de mim mesmo.

Novembro de 2007



Filipe de Sousa...

O maestro, o pianista...

指揮家、鋼琴家.....



em Alcaínça...

在阿爾卡英薩



em Macau com...

在澳門的合影



Jack Glatzer
格拉澤爾

Carlos Marreiros
馬若龍

Gabriela Cabelo, Presidente do
Instituto Cultural e Luis Sá Cunha
澳門文化學會主席嘉布麗和官耀龍

蘇札

e com...

蘇札與朋友合影



David Mourão Ferreira
費雷拉



A. Valdemar e Miguel de Araújo
瓦爾德馬爾和阿拉烏熱



Lopes-Graça
格拉薩



José Saramago
薩拉馬戈



Fernando Serafim e Lopes-Graça
塞拉芬和格拉薩



Irene Lima
利馬



Donato Remzetti, Paulo Pinamonte e as suas
mulheres, David de Almeida e Carmélia Ambar
仁澤提、孟特及夫人、阿爾梅達和安巴爾



Pilar del Rio
里約

Filipe de Sousa

蘇札



Cartão de Boas Festas de Botelho, 1965.
Filipe de Sousa ao Piano.

伯特略賀卡，1965年
蘇札演奏鋼琴



visto por Ernâni

埃爾納尼筆下的



Dona Maria do Rosário, Miguel de Araújo,
Filipe de Sousa, Ernâni, Lopes Graça,
António Valdemar e Elsa Saque.

唐娜·羅札裏奧阿拉烏熱、蘇札、埃爾納尼、格拉薩、瓦爾德馬爾和薩克。



*O Casal de S. Bernardo
em Alcaínça...*

阿爾卡英薩的聖貝納爾多別墅.....



費雷拉，音樂學家及作曲家

我同蘇札 20 年來的交往，很難一言而盡。在這交往中，我親身體驗了他那膽炙人口的慷慨，他那非凡的知識，清晰的思維以及非凡脫俗的藝術能力。此短文不足以完全反映他對我們認識 18 世紀葡萄牙音樂所做出的貢獻。他發掘、出版並為人們提供了許多原始的音樂資料。他既是藝術創造家，又偶爾自己演奏。他所創作或演奏的作品都具有很高的藝術水平，同時，具有很高的表現能力，因為他具有非常深厚的新古典主義造詣。他逐漸地選擇了更加絢麗多彩的音樂語言。是他創立了葡萄牙青年音樂協會。在其擔任葡萄牙國家廣播電視臺音樂部主任期間，所做的工作現在還沒有得到全面的總結。他對樂譜的識別可以說是過目不忘。我對他初期的音樂生涯瞭解不多。我只在一次公開的演奏會上聆聽了他所彈奏的鋼琴曲。當時給我的印象是，異常清新，而且節奏非常的緊



密。然而，我對他為 20 世紀葡萄牙音樂出版及傳播的工作所做出的贊助十分瞭解，尤其是在傳播格拉薩的作品方面。他總是把自己的作品放到次要地位。的確，他拒絕任何自我提升的機會。除了同某些朋友和年輕的音樂家交往之外，他遠離里斯本的音樂世界。給人的印象是他害怕里斯本音樂界的平庸及經常發生的相互利用。或是他仍然記得他以前的幾個藝術代理給他造成的不快。他避免涉及過去的事情，但是在他那深厚的幽默感之下，世人可以感到有一種深沉的痛苦。可以感到他心靈的正直和寬廣。他是最傑出的音樂家之一。然而，一些傑出的音樂家，面對惡意和他人的企圖，顯得抵抗力很低。這便是他所瞭解的葡萄牙。到目前為止，我們這個國家仍然不能承認為人類做出了傑出貢獻的人並從他們身上得到應有的訓誨。

瓦爾德馬爾，記者、科學院文學院士

一位完美無缺朋友的未完肖像

有許多可怕的情形，通常是難以令人接受的，比如一位家人或一個每天朝夕相處的朋友的去世便是屬於這種情況。對我來說，蘇札便是一位這樣的朋友。我們之間一成不變的友誼保持了半個多世紀。我與他結識時，他正擔任音樂文化圈的秘書長。這個組織由佩德羅索成立和領導了幾十年。幾十年中，不僅僅在里斯本，而且在葡萄牙全國都產生了重大的影響。

五十年代，當我與蘇札結識時，創始人已經年邁，因此音樂文化圈組織的許多活動，實際上是由他建議和完成的。蘇札當時風華正茂。他以很優異的成績完成了音樂學院的鋼琴課程，同時，獲得了里斯本大學文學系古典語言專業的學士學位。蘇札的知識過人，同時具有一種孜孜不倦的精神。無論是在音樂學院，還是在文學院，他都是那一代傑出的人才之一。他在德國完成了他的音樂培養，同時也完成了鋼琴演奏家、作曲家及樂隊指揮家所必備的課程。他的分數總是很高。他同音樂、造型藝術及文學各方面的著名人物都有過交往。他回到葡萄牙之後，便加入了葡萄牙電視臺。在那裏出任音樂部主任。他能力很強，而且人品優秀。當時他組織了許多葡萄牙音樂史上有代表性人物作品的演播節目。他曾在音樂學院任教，還擔任過古本江基金會音樂部的成員。

如果說他一生中也有坎坷的話，但是在許多情況下，他有足夠的財富可以過他想過的生活，他可以購買所感興趣的一切。他擁有一批不同尋常的音樂資料，還收藏了許多著名葡萄牙作家和外國藝作家的繪畫和其他藝術品。同時，他還擁有一座收藏了許多現代葡萄牙、義大利、德國、英國、西班牙及法國古典和現代作家作品的圖書館。其主要內容是音樂文學和造型藝術方面的書籍。

同時，他的圖書館中還有許多已經絕版的書籍。他用有一整套關於馬賽多的資料，這幾乎是一個奇跡。不光有書籍，還有小冊子和宣傳資料等。同時，他還收藏了席爾瓦的全部作品。這是他的愛好之一。他收藏了大部分的威爾德、庇山耶和佩索阿作品的譯本。我可以見證，他曾毫不猶豫地斥鉅資購買由佩索阿親筆簽名的書籍，尤其是那些為數不多的他生前所發表的版本。同時，還在一些拍賣會上和舊書店裏購買一些佩索阿的書籍。



同時他也是一位文藝贊助人，曾斥資出版過舉世公認的音樂作品。他的藏品無限制地供研究者閱讀——他曾經為此承擔過風險，發生過說不過去的事情——，尤其向年輕人開放。他的藏品，如書籍、手稿、和五線譜裏有很多孤本。

我同蘇札的友誼起始於我們在賈梅士中學、音樂學院和文學系的同學時代。在我們一生中各個階段，我們一直都是朋友。他最大的快樂之一便是與朋友們聚會。他那位於其亞多的辦公室，可以說是一個文人薈萃的地方。每天根據不同的來客，都有不同的內容。然而，他在選擇來賓時，是有非常嚴格的標準的。他所尊敬的朋友有著不同的政治及宗教觀點。在這些一直延續了二十多年的盛大午宴上，一直吃到傍晚。美酒和優質威士忌，但是只有一條禁忌：不能談論任何可引起別人反感的關於政黨性質的問題。此外，可以暢所欲言。然而，他也一再要求大家不要涉及人們的私人生活。這是我在他身上看到唯一的要求別人的態度。他提出的這些要求不是無緣無故的。除此之外，他是一個最心胸坦闊、最能容忍人的朋友。

我認為，我一生中最高興的是能夠經常參加這些文人的聚會，可以品嚐那些葡萄牙的美味佳餚。他給這個聚餐起了一個名字叫“鐵頸餐館”。此外，還有在我們的家中，在共同朋友的家中，在無數的葡萄牙國內外的旅行中，我們都經常相見。有時為了去聽一場音樂演奏，有時為了去觀賞一個博物館或參觀一個展覽，為了發現一個新的景點，為了去一個聞名的餐館，為了親身體會生活中大大小小、各個方面的人生細節。

他長期疾病纏身，最後不幸被病魔奪去了生命。無論是他的疾病，還是他的逝世都給了我沉重的打擊。事隔一年之後，我還是仍然不能適應沒有了這位朋友的那種空虛感，只要我想起同他的交往，我必須承認，現在再也沒有了他那待人的熱忱，已經沒有了他那閃爍著智慧光芒的精神。我現在是更加貧困了，同時，我自身的一部分也是永遠地消失了。

塞拉芬，男高音



紀念蘇札

我與蘇札於 20 世紀 60 年代相識。我們兩人是一見如故。他邀請我參加了許多室內音樂演奏會。有聲樂交響樂，還有歌劇，是由他第一個在葡萄牙介紹了斐多芬以葡萄牙詩人詩歌作曲的作品。同時，在河口宮指揮了由彭特伯創作的紀念賈梅士的追魂曲。這一般人不知道。這是在教堂聖維森特·德·佛拉教堂演奏的。蘇札對 18 世紀的葡萄牙音樂如癡如迷，研究這一時期大部分的音樂資料。這些資料保存在維索薩國家宮中。他日以繼夜地反復核對音樂五線譜，其中的許多已經破成了碎片。同時，樂譜中沒有歌詞，譬如席爾瓦所創作的歌劇《猶太人/特謝拉》。這一工作巨大無比。他甚至隻身前往巴西內地的戈雅思，自己出資在那裏分析了那個巴西城市收藏的歌劇樂譜資料。他帶回了更多的那個國家的作品。同時他對演講也很感興趣。例如，他審核了莫塔所創作的《耶穌基督受難》。後由古本江基金會錄製成唱片。當時我也參加了錄製工作。同時，他也對當代音樂很感興趣。他所錄製的作品便是明證。

作為作曲家，他在室內樂和交響樂之間，更加喜愛前者。他創作了許多以葡萄牙、西班牙、法國、英國、德國、和美國詩歌為基礎的歌曲和鋼琴曲。

他出生於莫桑比克，但是年輕時代便回到了宗主國。在此，他曾經攻讀過文學系，獲得了古典語言學修士的學位。同時，在國家音樂學院攻讀了鋼琴與作曲兩門專業。之後他前往德國繼續作曲和指揮方面的深造，獲得了相應的證書。

他是一個閒不住的人，從來不會在一個地方呆很長時間。從葡萄牙國家電視臺到安哥拉，後來又回到葡萄牙國家電視臺。過了一段時間，又返回安哥拉。這次離開安哥拉是被迫，因為當時那個國家正處於不斷的衝突之中。他曾經在國家音樂學院任教，同時出任古本江基金會音樂部主任佩爾蒂庚的顧問，同時，也是室內歌劇團的團長（這是當時佩爾蒂庚的想法，準備把葡萄牙歌劇職業化，然而不幸的是這一計劃施行的時間不長）。

最後，他繼承了他叔叔給他留下的蘇札爵號，這樣生活才安定了下來。他在阿爾卡英薩那裏購買了一塊地皮，建起了一座別墅。今天這座別墅已經是歌維治基金會的財產。他留下了遺囑，將此別墅捐贈給這個基金會。這是一座很大的別墅，裏面有很多珍貴的書籍和音樂作品，有些是罕見的孤本。在這所別墅中，他一直在創作，儘管節奏比以前慢多了。正是在這裏，他寫出了男高音、器樂合奏曲及器樂五重奏作品。這些作品都是在德國演奏和錄製的。在生命最後幾年中，他將《猶太人/特一頁拉》作了最後的審校。這一作品發現的消息是在美術科學院的一個新聞發佈會上公佈的。當時，除了我以外，只有五個人。發佈會結束以後，他跟我一起離開了會場，當時他相當的難過！

他贊助了米蘭達撰寫的克羅內爾的傳記的出版。同時，還贊助了歌譜，尤其是格拉薩歌譜的出版工作。他成為了格拉薩作品的出色演奏者和朋友。

我同他一起錄製了由他創作的賈梅士十四行詩第二系列的光碟，及另外一個僅僅包括其作品的光碟。最後一首以艾呂雅的诗詞為歌詞的曲子是專門為我寫的。我們也在都靈舉辦了一場由那個城市的大學組織和女歌唱家安巴爾的贊助（當時，一起獲得榮譽博士學位的有薩拉馬格、蘇亞雷斯和他三人）格拉薩作品的演奏會。以馬查多的詩歌為內容的《高地之歌》於 1996 年 1 月 26 日在葡萄牙的河口宮進行了首次公演。

他與我一道參加了一個專門為我在我的故鄉的阿爾巴薩修道院國王廳舉辦的音樂會。節目單全部是他所創作的曲目。

他對東方如癡如迷。曾經去過澳門並深深地愛上了那個城市。同令人懷念的阿烏雷奧神甫結下了深厚的友誼。這位神甫是聖庇護十世音樂學院的創始人。同時他還一同在那裏舉辦了一系列音樂會（一個小型音樂節），邀請了一些音樂家，由他親自出任鋼琴伴奏。音樂家中包括女高音家薩克和阿馬羅、男中音洛佩斯和我。我們演唱了他、格拉薩（首次公演了賈梅士十四行詩第二系列及《滴漏》的全曲）和巴雷多的作品（這是一位帝汶作曲家，是他的朋友，當時在澳門定居）。

在他的鋼琴伴奏下，我和卡布裏塔一起在阿爾加尼爾演唱了詠歎調和二重唱，以紀念維吉爾 2000 年誕辰紀念。同時，我還同這個女歌唱家一道，在歌德學院演奏了拉賽德的《遊吟曲》。這個曲譜是由蘇札最後審定的（古本江基金會出版）。有一天，他突然心血來潮想把甚麼都撕毀。他想撕掉格拉薩的幾首歌曲及及作家卡夫卡的作品。在這些他要毀掉的作品中，有一首十分優美的關底山耶的詩《野玫瑰錯開》。當時我對他說：你想撕甚麼就撕甚麼，但是這首歌你撕不了，因為我家裏有一個副本。他吃驚地望著我，因為他已經不記得曾經送給我一個副本。稍後，他對我表示感謝說，是我阻止了他當時那個發狂的念頭。

2007 年 2 月 18 日在他 80 周年生日後的三天（不可能在 15 日，因為當時大廳沒有空），薩克、洛佩斯和我（他的合作者中關係最好的人），在桑托斯的鋼琴伴奏下，我們開始了一場紀念他的音樂會。當時這場音樂會是由蘇札公司現在的業主費雷拉贊助的並獲得了“音樂會演出”及巴布斯塔女士領導的“特別計劃辦公室”的襄助。音樂會是在河口宮的鏡子大廳內舉行的，節目單上的曲目全部是他和格拉薩的作品。

2007 年 9 月

巴雷多，作曲家及指揮家



蘇札是一位多才多藝的人。其藝術活動從鋼琴演奏家、作曲家、演奏家、演說家、研究員到藝術收藏家，無所不通過。

作為鋼琴家，他是一個技藝嫺熟的藝術家。他曾經舉辦過個人演奏會，但是大部分情況下都是為歌唱家或其他演奏他作品的器樂家進行伴奏。

作為作曲家，他創作了許多作品。這些作品都具有其濃厚的個人印記及無法模仿的原創性。毫無疑問，他所留下的豐富遺產將進一步豐富葡萄牙國家的文化。在研究方面，葡萄牙音樂文化得益於他，因為是在那些已經被遺忘的充滿蜘蛛網和潮濕的地窖和圖書館中被人遺棄的檔案中發掘了許多被遺忘和從未出版過的以前的作曲家的作品，例如彭特伯的某些交響樂和阿爾梅達的室內音樂。這僅僅是兩個例子。

作為收藏家，他建立了一個令人羨慕的藝術品、書籍及罕見版本的收藏。尤其應該指出的是，他所擁有的整套樂譜、繪畫及現代作家的原作。他對東方及其文化十分入迷。經常訪問澳門。他在那裏有一位老朋友阿烏雷奧神甫。他們兩個人是里斯本音樂學院的同學。當時他們的老師是著名的作曲家瓦斯孔塞洛斯。這是一位思維敏銳，桃李滿天下的教育家。

2007 年 10 月 22 日於里斯本



薩克，抒情歌唱家

紀念蘇札

“記憶是一座博物館，裏面充滿了各種各樣的塑像和繪畫，但是一些令人悲傷，一些令人愉快。這一切都在往昔的月光下出現。它隱隱約約帶著某種傷感，這是一種沒有哭聲和眼淚的朦朧。”帕斯克阿伊斯，《回憶集》

今天我要回憶的是一位給我的年輕時代留下了巨大影響的人物。多年來，他與我多次在人生的旅途上相遇，多少往事，多少轉瞬即逝的相遇。這使得我們之間保持了一種漫長而堅實的友誼。現在通過對他的回憶，仍然沒有消失。蘇札是我在音樂學院的老師。他對我的年輕時代產生了巨大影響。他生性慷慨。我藝術生涯的初級階段，他一直給我伴奏。在我的首次個人演唱會中，他曾經與我在一起。我們一起準備和演奏了 18 世紀葡萄牙的歌劇。他是一位具有性格的指揮家。一生追求知識。多年來，他從葡萄牙的許多檔案館中，重新發掘出了許多歌劇作品。我曾伴隨他進行過多次在葡萄牙各地的巡迴演出。在那些遙遠的地區，介紹了我們相當大的一部分音樂作品，如涉及到數個不同時期的歌劇和歌曲。因為他認為，現在我也認識到了，作為教員不僅僅是傳授知識。比傳授知識更重要的是，在學生開始他們職業生涯時予以幫助，使他們獲得自信，能夠面對觀眾，像父親一樣引導他們。這樣便產生了我們之間的長期交往，產生了一種充滿溫馨的關係。在這種同志般的感情中，我從來對他懷有深深的敬意和欽佩。

他曾經出任葡萄牙國家電視臺音樂部部長。他能夠將其工作職務和不忘記以前的關係結合起來，而很多人不能做到這一點。他繼續同他以前和最近的同事保持密切關係，同時，進一步發揮生命所賦予我們的一切聰明智慧。他的幽默感世人皆知，充分體現了他那豐富的精神財富。他對他所喜歡的人給於了心靈的滋養。任何一個情感細膩的人都會深深地感受到。他有時送給我們的那些禮物，只能同那些從石縫中拔取的充滿芬芳的野花相比。他將這些花朵送給最親愛的人。然而，所有與他親密相處過的人，誰會忘記他在“鐵顎餐館”中熱情、無拘無束地接待他的朋友們的情景。在這裏，他渴望與我們文化各個領域的著名人士交流，相互切磋。他有時候還會開玩笑，這的確是真的。但是這是一種幽默感。他至死仍然保持著這種幽默感。通過各種思想的交鋒，及知識的交流，可以學到很多東西。我也曾多次伴隨他前往東方，旅行的十分愉快。他談笑風生，對此有口皆碑。他的此種智慧亦反映在他戰勝人生中的一切坎坷，無論是崇高的榮譽，還是狠狠的失敗。

我們最後一次見面是在一所畫廊的開幕儀式上。當時，我做了歌唱表演。所演出的正是他的作品。我怎麼能夠忘記，在我演唱結束後，他那熱烈的擁抱？我們之間多年來有著心照不宣的深厚友誼。

最後在 11 月一個淒涼、細雨飄零的傍晚，一個心靈的呼喚永遠消失了……指揮大師，再見。

2007 年 7 月於愛都



布蘭登，鋼琴家

我同指揮家蘇札的關係起始於 2000 年 9 月。那是在葡萄牙音樂博物館舉行的一場音樂會之後。在次音樂會上，我有幸聽取了他與大提琴家利馬合奏的“葡萄牙民歌三首”及“被遺忘的一頁”。這些作品都是他的朋友格拉薩所創作的。當是他已高齡 73 歲。我們仍可看到他那精湛的鋼琴技藝。尤其是作為音樂伴奏者，他可以同其他演奏者產生一種交流。他可以靜靜地聽出任何對方的演奏細膩部分。這是音樂能夠和諧演奏的精髓。這是我第一次聽他親自演奏，但是後來通過他錄製的作品，我進一步認識了他。因此我有權回憶並且斷定，他是我們歷史上的特殊人物之一。他的作品可以是後代藝術家得到靈感。然而不幸的是，這些作品沒有再以光碟的形式發行。

我對他以前的音樂幾乎一無所知。他以庇山耶和李卡多的詩歌所譜的曲子使我產生了找到其作者和研究其他作品的願望。從我們的交談中，給我留下的回憶是，他是一個慷慨而熱情的人。在必要的場合，不乏幽默感，知識廣博。我看到他對音樂和藝術有著多方面的興趣。同時，我不會忘記他家中的那種令人敬佩的氣氛。那個寬大的客廳裏面有兩架鋼琴。四周全部是書籍，還有許多他喜歡向人們展示的寶貴東西，例如樂譜、繪畫、雕像等等。在這個大廳裏，我送給了女高音家戈德內爾的一個歌曲集。他作為譜曲家，具有很謙虛的人格。他所關心的是就將詩人的意思和文字明確地表達出來，而不是僅僅地將它們“翻譯”成音樂。令人難忘的時光……他的某些歌曲非常有感召力，立即打動我們。他所譜寫的以庇山耶的兩首十四行詩，李卡多的頌歌和艾呂雅愛情詩的曲子十分令人感動。這些曲子一般反映的是一種令人眷戀的寧靜環境，同時，還有一種深沉的抒情。這些特點都反應在他的作品當中。另外一些作品，需要我們更加認真地欣賞。我們必須要經過一段時間才能夠琢磨出這些音樂的內涵。正是通過這些美好的過去美好的時光，才重新創造了音樂，創造了詩歌。這兩個概念是可以互換的。2006 年中旬，他對我們有可能在澳門舉行一場演奏會非常地感興趣。他將演奏賈梅士的詩歌。他當時滿懷希望再次故地重遊。他請我一道去一個他所最喜歡的餐館。指揮家揮動著他的指揮棒，“悠揚悲愴的音樂開始了……”（佩索阿）



桑度，鋼琴家

我於 1991 年 5 月認識蘇札。當時我在他家裏小住，原因是當時正參加古本江基金會由克斯達舉辦的指揮家培訓班。從那時開始，我便為其人品所折服。他具有廣博的知識，非常高雅的品味和與眾不同的幽默感。也許當時我是很念家，我當時離開布加勒斯特僅僅 7 個月。他總是使我想起我的父親。他別墅名叫聖貝納爾多(主人非常喜歡和尊敬這位聖人)，位於一個如詩如畫的地方。介於馬爾韋拉和馬夫拉的丘陵之中，離阿爾卡英薩那裏很近。整個別墅裏面到處都是繪畫和雕塑，他對現代和當代藝術如癡如迷。很難說當今有那位葡萄牙造型藝術家的作品沒有被他收藏至少一幅作品。在那寬大的會客廳裏面，擺著兩架鋼琴。其中一架是三角鋼琴，是斯坦威 c 型號。此外，這個大廳又是他的私人圖書館和唱片館，其收藏數量多質量高。我在他的別墅裏小住過數次。最後一次是 2004 年 7 月。當時我在那裏度過了一個週末，目的是為了我當時正在寫的關於葡萄牙鋼琴史的博士論文收集一些資料。我的博士論文中，有一章專門是寫他的。在那裏小住的日子總是非常愉快。主人非常熱情好客，而且總是充滿幽默。在那裏我領略到他那崇高的文化及精神修養。

他的音樂風格基本上是受到了斯特拉文斯基、巴托克和欣德米特的影響，但是也有其獨特之處。從本質上來講，屬於一種功能性音樂。這正如他自己聲稱的那樣，其音樂不可歸入新古典音樂之類，更不用說是印象派的音樂。其主要的創作靈感是詩歌，這主要是因為他有很深的文學造詣。在他的音樂作品中，尤其鍾情聲樂。他最喜歡的詩人是庇山耶和佩索阿，因為這些詩人的詩歌最能打動他的心靈。他沒有參加 20 世紀下半葉

的那些創新活動，也沒有參與達姆施塔特這一活動。然而，他對作曲方面所有新的成果都非常關注，試圖瞭解先鋒派音樂的起因以及其內在因素。

然而，他對先鋒派音樂有疑問。他認為：“在音樂和人文內容之間有秘密要探索。至於表現能力，我認為這來自於詠唱，而詠唱便是旋律，或者它有一個音樂目標（我認為，這是我可以為此類音樂下的最好定義，自然是不包括表現力的內容，而表達一種人文的內容。它可以是非常優美樂曲的創作物件，可以使我們如癡如醉，但是我認為，它不是一種真正意義上的人文作品，僅僅是一部音樂作品。為甚麼？因為它失去了音樂的音調感情）。出於一種基本和普遍的原則(這實際上與欣德米特的觀念有些相似，而且也同安塞美的人類心理學原則的“音樂要理”有關—注釋由作者所加)。在所有音樂當中總是有旋律重點，因為這裏有一個很自然的物理原因。任何人不能改變自然，因為它的基本旋律是和聲，表現一個不可摧毀的世界。另一方面，還有一個可以摧毀的世界。這便是我們的體力和我們的聽力。聽力作用便是能夠接受旋律及其所有的和聲。正是在此基礎上，創造和發展了歐洲的和聲系統。它隨著時間的發展，最後形成了曲調。在音樂事業中，有一條自然之路，但是聽眾仍然聽到的是基本的樂調。所以我堅信，在將來一定會再重歸音調。我們從感官的角度來講，所聽到的是自然和生理的基本音調。”

上述引文反映了他的音樂思想，同時也解釋了他為甚麼是他那一代作曲家中最保守者。儘管他在聲樂方面有著非常大膽的創新，但是沒有能夠最後出名。總而言之，我們要重複的是，無論如何，蘇札可以被視為 20 世紀葡萄牙最重要的作曲家之一。毫無疑問，他是葡萄牙音樂界最能讓人入迷的人士之一。

2007 年 7 月



洛佩斯，男高音

要敘述我同他交往的片段不是甚麼難事，我們的往來越過了漫長的 30 載，但是他那高尚的人品的確需要我們仔細深省。同時，應該以我們之間曾經相互有的尊敬和友誼，作些篩選。毫無疑問，我們曾經是好朋友。然而在某些方面，我認為由於第三者的影響，或者是孤獨也許使得我們各自的道路有了不同，有了小小的分歧。所以我們沒有能夠完成以佩索阿詩歌為基礎的格拉薩作品的光碟錄製。當時已經幾乎完成了，只差一個曲調沒有完成。這是十多年前的事情了。由於他的主動建議（他已經預感到末日即將來臨），我們再次重結舊好，看看如何完成這件事情。這大概是在他病情最後惡化前一年半左右。然而令人遺憾的是，儘管我們一再要求，國務秘書處有關部門沒有批准我們的要求，同時，我們為了使作品能夠達到錄製的水平，進行了無數次的排練。他除了是一位著名的音樂理論家之外，還是一位指揮家和作曲家。同時，還是一個十分優秀的鋼琴家。隨他而去的是想結束這項工作的美好願望……儘管上述“藝術家之間的緊張”，

但這並沒有影響到我們之間的密切接觸。我可以證明，他是尊敬我的，因為他曾經多次邀請我參觀巴黎和馬德里展覽。還要我們兩人一起前往紐約，參加一個在紐約大都市劇院所進行的音樂會等等。對於這些邀請我都婉言拒絕了，因為我沒有經濟能力可以來報答他的慷慨。因此，我總是婉言拒絕他的邀請。在他生病的晚期，他表示希望我伴隨他去德國，欣賞瓜爾尼日專為他譜寫的一首作品的演奏。出於種種原因，我一直對他懷有最真誠的敬意。這是一種無可懷疑的敬意。他生性喜歡指點江山，注意觀察周圍的事物，同時言語犀利。至今，我還對一件事情記憶猶新。除了這些特性之外，他還擁有廣博的文化知識。他是一個具有崇高文化原則的人。他不斷地培養和鼓勵他的朋友們。令我所不能忘懷的是，他從一開始便十分關心我的藝術生涯。最近，他開始關心我的學術生涯，一再鼓勵我要完成碩士論文和博士論文。正是因為這些原因，我才將我們共同的藝術生涯放到次要的地位。他作為鋼琴家，我作為演唱家，我們在許多演唱會中進合作過。有些包括他專門為我譜寫的作品。我想在此要回憶的是我們兩人共同在華盛頓特區所進行的聯合演出。那是他第一次前往美國。我們在澳門逗留了一個多月左右，與阿馬羅、薩克和塞拉芬一同演出。在東方各地，我們的藝術生涯有過很多次高潮。很多情況下是與巴雷多和令人懷念的阿烏雷奧神甫同行。最後總是在“鐵顎餐館”那種氣氛中大吃一頓。這是他在琪亞多的辦公室附近的一個餐館，許多著名人物都到過那裏。

如果說要我舉出我與他相處的某個最美好的時光的話，那麼我毫無疑問地會選擇在他位於阿爾卡英薩家中度過的那些安寧的時刻。當時陪伴我們的有他那無限忠誠的女廚師“唐娜·瑪麗亞·杜·羅札裏奧（有時不順從，但永遠是真誠而友好的）。儘管可以感受到他們之間有更密切的關係，她堅持要他那樣稱呼她。這位女廚師一直保持一定的距離……這正是他嚴謹的主要人品之一。

2007 年 7 月 11 日於阿爾卡英薩



阿爾梅達，造型藝術家

我於 80 年代與蘇札結識。當時我們是在拱頂花園中認識的。當時我在那裏有個工作室。我們當時討論一項與造型藝術、烹調、文學、音樂等有關的書籍造型計劃。當時我是被邀請參加這一計劃的。

這是為一個制藥廠進行的一項工作。就像通常那樣，我們是圍在桌子邊上進行討論的。但是這一計劃由於贊助商的退出，而半途而廢。然而，已經開始並繼續下去的是我們之間相互敬仰相互尊敬的友誼。它持續了 20 多年。

我只要一有機會便同他在戲稱“鐵顎餐館”的辦公室內共同進餐。按照埃斯特斯特的看法，這是這個地區最後一個文人的集會之地。當時，聚會的氣氛非常融洽。而且這位指揮家很純樸。參加者可以來自於阿維羅、里斯本，巴西，甚至來自於澳門。他們有著不同的政治傾向(我經常十分眷戀地回憶我們同指揮家瓜爾尼日度過的一個下午(對於我們所有的人來講，都是最後一個下午)。在桌邊，他那淵博與幽默使得大家之間的交談從無間斷。

我們這個圈子中一些首次被邀請來參加的人聽講的故事入了迷，尤其是他所講的愛烏拉利亞大嫂或他曾經在桑樹區那個地方的一所房子中與一鱷魚同居了多年的故事最吸引人。當時，那條鱷魚被帶到那所住房的時，還是一條小鱷魚。在那兒，慢慢一直長到了 3 米長，有時候是 4 米，這要看他當時的興致。當時使用了一架吊車，才把它從屋子裏弄了出來。最困難的是，後來讓大家相信這只不過是一個玩笑，這不過是他為了使大家聚會更加熱鬧的一種導演。1987 年，我在阿爾卡英薩買了一塊地皮，我們一起來這看這塊地方，因為他堅持要看看。也許是因為當時人常常興高采烈地向他談起這個死火山地區的情況所致(十分幸運的是這片火山已經很長時間沒有活動了)。此後一個星期左右，他也在揆著我買下了的地皮的地方購置了一塊地皮。在那兒開始建造他的別墅。這樣他的夢想變成了現實。他想擁有一個可以收藏起音樂收藏品、唱片和書籍的地方。這裡很安靜。他可以安安靜靜地寫作。在那裏，他可以放置更多在卡斯卡伊斯的舊家已經堆不下的書籍，還有分散存放在朋友家中的唱片、收藏品等。那個別墅很大，可以放下所有的藝術收藏品。他邀請朋友們到哪裡去彈奏、欣賞音樂。在那裏，他有非常好的排練音響設備。

這樣，他的夢想常常可以實現，而且是按照盡可能的方式。這裏或多或少有些“鐵顎餐館”的氣氛。

由於我同西班牙的職業關係，他開始與我一同前往馬德里和巴塞隆納。我們一起參觀畫廊和博物館。這樣他便開始收藏當代西班牙藝術作品，大部分都是繪畫。這些現在來講，都已經是具有象徵性的罕見畫作，例如奇麗達、米勒、畢加索、沈培雷和塔皮耶。這些都是成名作家的作品，但是他也注意收集年輕一代作家的作品，例如巴塞羅、布落托、西裏亞、拉馬扎爾斯、莫羅、西西里亞及塞維利亞等。

在馬德里，我總是住在利亞貝尼這個旅館中。從它於 20 世紀 70 年代開始營業以來，我是常客。因此我在那裏受到很好的招待，像家人一樣受到尊敬。由於我是一位藝術家，所以被視為特殊的住客。它位於卡門廣場，離在大街的 Espasa-Calpe 書店只有兩分鐘的路程。他在那裏購買他最感興趣的詩集。同時，FNAC 書店和 El Corte Inglés 百貨商店只有五分鐘。他在那裏購買唱片，把去時帶的旅行箱裝得滿滿的。一般來說，我們是駕車旅行。他帶空箱子的目的只有一個，購買書籍和唱片。

他的這些收藏品具有非常明顯的個人特性。每個收藏品之間都有關聯。所收藏的畫可以是一本書的注釋，一幅油畫可以展現一次旅行。有時，為了買到一本書，他可以在各個書店尋找數月。他的目的是要完完全全地保存他的個人收藏品，這樣便於人們查閱。至於我來講，主要的原因，我可以毫不猶豫地說，甚至這確是我的願望，在他去世後，將他生前所保存的東西，他的隱私，或嚴格來講他的全部私人生活完整地保存下來。

有一天，他向我表示說，想將他的所有財產捐贈給一個與澳門有關的基金會。在他晚年的最後幾年中，他曾多次由於職業關係前往澳門。很喜歡在那裏進行小散步(看看能否在拐過某個街角的時候遇到庇山耶?)。他曾經伴隨我進行工作旅行，僅僅是為了與朋友在一起，為了嗅聞中國菜肴的噴香，或者眼中發出異常光亮和臉上顯示出笑容。

他非常敬仰澳門最後一位總督韋奇立所做的工作及其人品。有一天，他問我是否瞭解歐維治基金會，我把我所掌握的情況都告訴了他，給了他一套基金會的簡報。幾個月之後，他在深思熟慮之後(這不是他個性)，知道我是韋奇立將軍的好友，要求我幫他與將軍作一私下會晤。後來他們的會晤是在我家中進行的。這樣出於他的願望，便開始了將他所有的財產捐贈給基金會的工作。他放心地走了，他認為他已經完成了他的使命。

然而，留在塵世的只有孤苦伶仃的我。以前，我隨時都有一位朋友在身邊。他是一位智者。他離我們仙去，然而我卻還有很多工作要做。最重要的是，他本來是應該能夠活到百年的，他的家人都長壽。這是我所無法原諒他的。

2007 年 6 月 24 日於阿爾卡英薩

“音樂手抄本及文獻”展覽前言 1987 年於澳門市政廳



本展覽所包括的 151 件展品僅僅是我在多年中耐心、堅韌收集的藏品及圖書的一部分。收藏並不意味著毫無選擇地搜羅一切，更不是不惜一切代價購買一切。我們個人圖書館中所收藏的許多珍品是通過當時一個學生所享有的微薄獎學金購得和從被毀滅之中搶救出來的。跨越時代很長，從我中學時代到大學時代，從里斯本到維也納。我的運氣不錯，尤其是我非常鐘愛書籍和藝術品。因此，我們得以收藏了上千件物品。我從中選出了部分作為此次由澳門文化學會主辦的展覽的展品。作為慶祝聖庇護十世音樂學院成立 25 周年的活動之一。此次展覽的總標題是“音樂手抄本及文獻”。其目的不僅僅是要向人們展示在藝術史上或者在圖書方面十分重要的藏品，同時也向未來的收藏家指出廣闊的研究領域及可以搶救那些受到人為損害的作品的途徑。本展覽首先是獻給所有的澳門年輕人，希望他們在參觀這一展覽時，可以引發他們對那神奇音樂世界的興趣，可以擴展他們對葡萄牙文化歷史這一重要領域的認知。或至少可以引起他們耐心而堅持不斷地收藏和服務於文化事業的信心。

若能如此，便已達到了這一展覽的目的。

蘇札



生平其作品

作曲家、指揮家、鋼琴家及研究學者。蘇札於 1927 年 2 月 15 日出生於莫桑比克的羅倫索·馬爾克斯。在那裏的童年時代，從 6 歲起，他便開始了其音樂學習。正如他自己認為的那樣，他繼承了會演奏曼陀鈴的母親的音樂天賦。同時跟他的父親學會了最初的音譜。他父親是吉他演奏家，同時又是作曲家。他在祖父家中，首次接觸了鋼琴和留聲機。這些樂器使他對音樂藝術發生了濃厚的興趣。

後來他就讀於里斯本的賈梅士中學。他曾在葡萄牙國家音樂學院攻讀音樂，獲得鋼琴演奏證書（從師莫塔）和作曲證書（從師瓦斯孔塞洛斯）。

同時，他還在里斯本大學文學系攻讀古典語言專業。

有一段時間，他曾從事鋼琴演奏，尤其是堅持不懈地傳播當代作曲家的作品。

1954 年，他獲得莫桑比克政府一獎學金，因此有機會到國外學習樂隊指揮。他曾經在德國和奧地利攻讀。1975 年，他在維也納國家音樂學院獲得證書。在那裏，他師從斯瓦羅夫斯基學習並是梅塔和巴巴多的同事。也曾在慕尼黑拜門內利奇和雷曼為師。也在希爾沃敘姆師從沃爾夫。

蘇札是葡萄牙音樂委員會、葡萄牙青年樂隊，里斯本室內歌劇實驗劇團及葡萄牙舞蹈團的創始會員。曾擔任過葡萄牙全國音樂家工會大會主席。曾在里斯本國家音樂學院任教（作曲專業）。也曾在盧安達大學任教。曾經擔任過數次“莫塔”鋼琴國際比賽評委成員，曾經擔任過葡萄牙國家電視臺音樂部主任。

除了作為演奏家外，他在葡萄牙首次指揮演奏了巴托克、欣德米特、斯特拉文斯基、勳伯格、貝爾格和米約等人的作品。

作為研究學者，他在檔案館和圖書館中，發掘了十幾部古代葡萄牙，尤其是 17 和 18 世紀作曲家的作品。同時，他發現、研究並為葡萄牙音樂史上著名的人物如特些拉和席爾瓦的作品進行了現代化譜曲，例如“普羅透斯雜曲”和“迷疊香和牛至之戰”。同時還在古本江基金會出版葡萄牙音樂叢書，刊行了彭特珀、卡爾瓦略和拉塞爾達的作品。

作為指揮家，除了在葡萄牙經常被邀請指揮里斯本國家交響樂團外，他還在巴西、南非和蘇聯也指揮過演奏。在巴西，他首次指揮演出了安德拉德的“連衣裙的故事”這一曲目。後來，他將第六交響樂獻給這位作者。他對各種音樂流派都感興趣，但是在其作品中，最突出的是聲樂，尤以詩歌為其音樂作品的主要創作靈感。其音樂作品大部分都是以精心選擇的詩歌為基礎的。其作品的基本主調和韻律主體是聲樂和鋼琴（目前為止知道的有 33 種作品），均以庇山耶、佩索阿、洛爾迦、里爾克、艾呂亞和休斯等人的詩歌為創作內容。其中相當一部分作品後來由他人改成樂隊交響曲。在他所創作的器樂中，值得一提的是吹奏五重曲和為樂隊創作的小奏鳴曲及組舞曲，還有為小提琴、吉他、大提琴及小號所創作的獨奏曲。在他所創作的鋼琴曲目中，有一首奏鳴曲和兩首小奏鳴曲。他在常年疾病纏身之後，於 2006 年 11 月 22 日在里斯本去世，享年 79 歲。

證言

卡爾瓦略，音樂學家

（現任國務文化秘書）



蘇札於 1927 年 2 月 15 日生於馬普托。他曾在葡萄牙國家音樂學院攻讀音樂，獲得鋼琴演奏證書（從師莫塔）和作曲證書（從師瓦斯孔塞洛斯）。同時，他還在里斯本大學文學系攻讀古典語言專業。

1975 年，他在維也納國家音樂學院師從斯瓦羅夫斯基學習並獲得了樂隊指揮的證書。當時，他正享受一個獎學金，這樣使他有可能也在慕尼黑拜門內利奇和雷曼為師，也在希爾沃敘姆師從沃爾夫。蘇札是鋼琴演奏家，在葡萄牙演奏了例如巴托克、欣德米特、斯特拉文斯基、勳伯格、貝爾格和米約等人的作品。作為作曲家，我們想要強調他的主要作品有樂隊“組舞”（1954 年）以及“小交響樂”（1956 年）。同時，他還創作了大量的聲樂及鋼琴作品。他是在葡萄牙國內外著名的樂隊指揮。他自己承擔了一個非常重要的工作，便是系統地研究葡萄牙古代音樂。在此工作中，他發掘許多已經失傳許久的原作。他所接受的古典及文化的教育為其藝術家性格打下了深深的烙印。他所喜歡的詩人有里爾克、莫雷亞、伽馬、佩索阿及其筆名作品、庇山耶、卡爾瓦略、班得拉、席勒、洛爾迦、休斯和艾呂亞等。所以他才為這些詩人的詩歌譜曲。在“庇山耶十四行詩兩首”（1951 年）這部作品中，他運用了三個鋼琴的八分音符(lá# - si - lá#)和另外兩個音符(á# - sol#)轉譜成了一首曲子。在伴奏的情況下，這些音符是一成不變的。

集中了一組短暫音調的變化(以屬音為始)。繼之，為一相反的音調，主音以半音符為始。這種譜曲安排表現了風吹打玫瑰，花瓣失落的意境。這種意境爾後馬上表現在歌詞中。這樂曲似乎在問人們：“親愛的，你在思考甚麼？”這幾乎成爲一種十分獨特的對話式曲調。隨著節奏的加速，音調也上升，逐漸成爲主旋律，最後幾乎變成一種“話語”（“爲甚麼你不讓我說話？不久以前你爲甚麼還用這些話語欺騙我？”）和旋的質地產生了截然的變化，變得更加跳躍不定，同時，可以聽到半音符的裝飾。進入低音區，然後發展爲伴奏的高音區。隨著這一音樂的變化，詩歌中所表現的觀察和同自然與“他人”的對話逐漸變成一即時的內省。這一和絃如同詩人的想象，“漫無目的”（啊！瘋狂的堡壘，你這樣早便倒塌了！……我們何去，茫茫然，手牽手？）以回歸自然和對話又開始了樂曲起始處的和音區。雪花飄飄……“在你的身邊飛舞，如同一層細紗！”這一驚呼充滿了激情，遠遠超過了屬音，進入了高音區，然後又緩緩降至主音。最後，宇宙似乎停止了一切活動，整個樂曲失去了其速度，似乎終止了，但是人們似乎感到某種回答飄旋在空中（以屬音結尾，德國音樂術語稱之爲“Halbschluss”）有人在問：“是誰從空中散落下來如此之多的花朵！飄落在我們兩人的身上，飄落在我們的秀髮上？”然而，這一樂曲從頭到尾表達的都是這一主題，不斷地利用半音符，然後突出 si, lá#, sol# 的下滑音，得心應手地運用了一種不斷重複的詩歌形象：花瓣凋零、雪花飄飄，“瘋狂的城堡”倒塌了……蘇札所譜寫的作品具有音樂和戲劇的連貫性。如同我們在此分析的那樣，他沒有拒絕或掩蓋這一點，相反卻是在他認爲合適的時候，完全接受了古典遺產的功能和諧，成爲了其現代音樂思維的一個重要部分。同時，還表現了詩歌兩個不同階段概念的聯係。這兩部作品分別無 si 大調和 sol 小調，但最後以屬音、三分之二的韻律和連音結尾。“庇山耶的兩首十四行詩”是一部不朽之作。（本文是爲里斯本斯特勞斯音響公司所發行的一部密紋唱片所撰寫的說明書。其題目是：“葡萄牙的音樂，蘇札(1927 年)。之後，本文曾於 1996 年 1 月至 3 月的澳門文化局的《文化雜誌》第二系列第 26 期上刊登。此期爲音樂專輯。在這一專輯中，本文是三個作曲家及其詩歌的一部分，其他另外兩個作曲家是巴雷多和格拉薩）



簡訊

2007年1月-6月

蘇札 (1927-2006)

鋼琴家、作曲家、指揮家、研究學者

——一位文化人士

蘇札是歐維治基金會諮詢委員會成員及本基金會的施主。

他對本基金會的宗旨深信不疑。在其他生前，早於 2005 年便將其位於阿爾卡英薩的別墅和地產贈送給了本基金會。他在那裏度過了其生命的最後幾年。同時捐贈的還有他那書籍繁多的珍貴私人圖書館，他所收藏的重要藝術品、唱片及音樂手稿，還有他本人音樂創作的手稿。

他是一位文化人士，一位民間活動家，同時也是澳門的朋友。

因為音樂的關係，他曾多次訪問澳門，同許多澳門文化及藝術方面的知名人士有過交往，建立了友誼。在此我們僅僅舉一些音樂方面的著名人士，例如阿烏雷奧神甫（聖庇護十世音樂學院）以及指揮家巴雷多。

1987 年，在慶祝聖庇護十世音樂學院成立 25 周年時，在澳門舉辦了一場由澳門文化學會資助的展覽，題目為“音樂手抄本及文獻”，前言是由他撰寫的。在此，我們照錄全文。通過這份前言，我們可以看到，他對澳門的興趣及對澳門特別鍾愛。

值其 80 周年誕辰之際，我們特辦此簡訊專輯，以紀念蘇札及其作品。在此我們搜集了其生前友好、老同事、音樂家、作家、其作品及人格的崇拜者所做的一系列證言。通過這些證言，我們可以看到蘇札的生平、著作及其特殊的人品。

